

Turismofobia, os dois lados da problemática

Turismofobia, los dos lados de la problemática

Tourism, both sides of the problem

Joicy Caroliny do Vale Ponath¹
Willian Breno Silva de Oliveira²

Resumo: Tendo em vista a complexidade e as relações que resultam do fenômeno turístico, neste trabalho busca-se realizar uma análise acerca do conceito de turismofobia, com o objetivo de compreender como dois lados, moradores locais e turistas, reagem e se mostram resilientes frente a esta situação-problema. Então, para auxiliar na discussão, realizou-se pesquisas bibliográficas, eletrônicas e documentais. Assim, o turismo de massa é apontado como uma das principais causas do distúrbio, que tem movimentado as práticas turística, na atualidade.

Palavras-chave: Turismo; Turismofobia; Resiliência.

Resumen: En vista de la complejidad y las relaciones que resultan del fenómeno turístico, en este trabajo se busca realizar un análisis acerca del concepto de turismofobia, con el objetivo de comprender como dos lados, moradores locales y turistas, reaccionan y se muestran resilientes frente a esta situación problemática. Entonces, para auxiliar en la discusión, se realizaron investigaciones bibliográficas, electrónicas y documentales. Así, el turismo de masa es señalado como una de las principales causas del disturbio, que ha movido las prácticas turísticas, en la actualidad.

Palabras clave: Turismo; Turismofobia; La resiliencia.

Abstract: Considering the complexity and relationships that result from the tourist phenomenon, this work seeks to carry out an analysis about the concept of tourismphobia, with the objective of understanding how two sides, local residents and tourists, react and are resilient in front of this problem situation. Then, to assist in the discussion, bibliographical, electronic and documentary research was carried out. Thus, mass tourism is pointed out as one of the main causes of the disturbance, which has moved the tourist practices, nowadays.

Keywords: Tourism; Tourismphobia; Resilience.

Introdução

O turismo é um fenômeno social, complexo, que perpassa por diversos setores da sociedade, movimenta campos da economia, socioculturais e ambientais. A distorção da sua função social - de conhecer o outro, ou seja, praticar a austeridade, e a partir disso conhecer a si mesmo, no que configura a história humana - , apresenta-se deturpada quanto a realidade das coisas, não somente no campo turístico, mas nas redes que compõem toda sua estrutura. Assim, partindo de uma discussão macro e seguindo para uma questão mais particular do turismo, a turismofobia tem se mostrado um problema atual e que carece de discussões. Visto que “As sociedades humanas nunca se encontram isoladas; quando

¹ E-mail: joicycaroliny.p@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-2994-7607>

² E-mail: willbrennosoliver@gmail.com **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9315-5682>

parecem mais separadas, é ainda sob a forma de grupos ou de feixes” (LÉVI-STRAUSS, 2006), em uma comunidade pequena, é ainda mais fácil desenvolver o turismo, pois geralmente existe algo em comum naquela unidade, como comunidade quilombola, comunidade de lojistas ou comunidade de empresários, porém, quando tratamos de uma cidade grande, existem diferentes comunidades num mesmo espaço e assim diferentes interesses, o que pode gerar questões-problemas no desenrolar do turismo, por não conseguir um consenso quanto ao desenvolvimento do fenômeno. (BARRETTO, 2004)

A partir disso, verifica-se a dificuldade na homogeneidade de interesses e incrementamos a discussão Gordon (2002: 135), com a as seguintes informações:

Entre 1950 e 1998 o número de turistas internacionais havia aumentado em vinte e cinco vezes, de 25 a 650 milhões. Se estima que em 1997 se realizaram quatro milhões de viagens turísticas no mundo. Com a troca do milênio, o turismo mundial havia alcançado um dos maiores intercâmbios de dinheiro.

Assim, por meio dos números apresentados, verifica-se a dificuldade de equilíbrio, quanto a quantidade elevada de pessoas que passaram a viajar e dos interesses que permeiam o desenvolvimento do fenômeno. Isto posto, a relação de quem visita e de quem é visitado é de cunho considerável na compreensão do fenômeno.

a relação entre visitantes e visitados apresenta graus de conflito que variam, também, em função da visão que a população local tem dos estrangeiros em decorrência de experiências anteriores com forasteiros não turistas, de preconceitos, da rapidez com que acontece o fenômeno de turistificação, da percepção que a população tem dos benefícios econômicos e sociais advindos do turismo e/ou dos custos sociais e ambientais (Gursoy, Jurovski e Uysal, 2002), da competição por recursos naturais ou pelo uso de instalações, e do grau de distância social e econômica entre visitantes e visitados (Robinson, 2001) *apud* (BARRETTO, 2004: 137)

Da mesma forma, a concepção de turismo visualizada pelos visitantes, definirá seu perfil de turista e o turismo a ser realizado, o que implica no desenvolvimento das atividades, na escolha de destinos, no apreço quanto a cultura que se visita e o respeito às regras de ordem sociocultural do destino. De acordo com Turner e Ash (1991: 375-376) *apud* Barretto (2004: 140),

É uma fraude descrever os anfitriões como seres universalmente amistosos quando na verdade existem abundantes correntes de ressentimento que afloram a todo momento [...] É uma autêntica imoralidade difundir a ideia de que, por ser turista, alguém pode apagar séculos de desconfiança e iso-lamento.

Deste modo, o artigo vai discorrer como esses dois grupos utilizam a resiliência como método para adaptarem-se a essas situações-problema, sendo que “Resiliência pode ser descrita como a capacidade de adaptação e de superação do indivíduo, sociedades ou organizações, diante de situações adversas, utilizando de estratégias e experiências vividas para superá-las e fortalecê-las em situações futuras” (Junqueira & Deslandes, 2003;

Crichton, Ramsay & Kelly, 2009; Boin, Comfort & Demchack, 2010; Duit, 2016).” (RAASCH, 2017: 41).

O objetivo deste trabalho é explorar teoricamente as relações entre turistas e autóctones, a partir da turismofobia e o processo de resiliência que se dá alicerçado na questão. O artigo é de natureza descritiva, visto que relata sobre o fenômeno do turismo e uma de suas tantas interfaces. Sendo uma pesquisa bibliográfica, a ordem de pesquisa se deu com a busca de artigos científicos em bases de dados como *Spell*, *Capes* e *Google Acadêmico*, utilizando as palavras-chaves turismo, resiliência, xenofobia e derivações como aversão, repulsa e antipatia, além de turismo de massa, não necessariamente juntas e em agrupamentos distintos. Turismofobia foi utilizado com foco na plataforma *Google Acadêmico*, visto a dificuldade de encontrar em artigos nas outras bases de dados. As pesquisas iniciaram-se em setembro de 2018, dando continuidade no mês de outubro e novembro, resultando em cerca de trinta artigos selecionados para obtenção de conhecimento sobre o assunto abordado, sendo que treze destes foram utilizados direta ou indiretamente em citações no decorrer do trabalho. Além disso, obras clássicas foram encontradas disponíveis em rede e impressas, e também foram utilizadas publicações de jornais em *sites online*, coletando quinze reportagens, porém utilizando dez no presente artigo, com a finalidade de obter informações em diversos setores, que possibilitasse um aporte teórico crítico, para o desenvolvimento do conteúdo aqui proposto e para dimensionamento da realidade da temática na atualidade. Todas as pesquisas foram realizadas simultaneamente e em três idiomas, português, espanhol e inglês, objetivando maior aporte de informações. A temática a ser discutida não apresenta uma extensa obra, tão pouco trabalhos desenvolvidos envolvendo as discussões aqui aventadas, assim, este artigo é um esforço teórico nesse sentido, visto a necessidade de discussão do tema, pela sua atualidade e envolvimento estrutural com o turismo.

Xenofobia e Turismofobia (diferenciando os conceitos) e a Relação entre Moradores e Turistas

Antes de abordar o conceito de turismofobia, que é base para a discussão proposta, devemos compreender as origens da sentença. Tendo suporte no conceito de xenofobia, o termo desenvolve-se em gramática e principalmente causas. De acordo com o Dicionário de Português, xenofobia se define como a “Aversão aos estrangeiros ou ao que vem do estrangeiro, ao que é estranho ou menos comum”, assim configura-se como um receio, que se transforma em medo e a partir daí dá espaço a rejeição, direcionados a quem não faz parte do local onde se vive e habita.

A xenofobia tem se apresentado em diversos casos pelo mundo, com destaque para a Europa, que devido a grande quantidade de imigrantes que recebe anualmente, tem exibido vários casos xenófobos nos últimos anos. Contudo, não somente nesta região, mas por todo o mundo ocorrem casos dessa violência. No Brasil, por exemplo, frequentemente ouvimos piadas referentes a cultura da região nordeste do país, que caracterizam-se como xenofobia, por descriminalizar, diminuir e apresentar uma aversão às pessoas e coisas que venham da cultural local da região. Todavia, o conteúdo que queremos abordar aqui se aprofunda para uma questão além da xenofobia, uma aversão diretamente a turistas, que são pessoas de culturas distintas que a do local visitado, mas que estão no lugar para fins de visitação e sofrem repulsa da comunidade local e que ocorre não somente por essa finalidade, mas como veremos mais à frente, por outras diversas causas, sendo esta, um dos possíveis agentes, mas não o principal.

Em 7 de agosto, a *Fundación del Español Urgente* (Fundéu–BBVA), instituição assessorada pela Real Academia da Língua que zela pelo ‘bom uso do espanhol nos meios de comunicação e na Internet’, reconheceu o substantivo turismofobia como um neologismo válido e ‘uma palavra bem formada em espanhol que pode ser usada sem necessidade do emprego de aspas ou itálico’. A Fundéu circunscreve seu uso especialmente ao âmbito midiático, para referir-se ‘ao repúdio à turistificação’, outro neologismo de significado incerto descrito como ‘modelo turístico caracterizado pela massificação e suas consequências negativas para a população e os trabalhadores’ (DOMINGUEZ, 2017: 23)

O contato entre visitantes e visitados é algo inevitável no turismo, e inclusive muito estimulado para que haja trocas de culturas e aprofundamento no que se visita, porém, a partir de meados dos anos 2000, casos de turismofobia tornaram-se frequentes e mais recentemente foram registrados com foco na Europa. Jornais de grande circulação mundial noticiaram os fatos, que foram marcados por mensagens em paredes e muros, por meio de protestos, e frases como “*Tourist go home!*”, “Turista vá para casa!”.

“No ano passado, a cidade [Barcelona] atraiu 30 milhões de visitantes, e pesquisas dizem que o turismo é a principal preocupação dos moradores locais, acima do desemprego, do tráfego e do acesso à moradia” (CAPARRÓS, 2017), afirma o *The New York Times*. O jornal *El País*, publicou “Turismofobia, a reação das cidades de aluguel: O turismo deixou de ser uma atividade incontestável. Na Espanha, turistas se transformaram em incômodas espécies invasoras ‘culpadas’ pelos preços abusivos” (BARBERÍA, 2017). Ainda, “Turismofobia em Barcelona: grupos radicais agora atacam turistas: Pelo menos sete hotéis de Barcelona sofreram atentados este ano. País Basco também convoca manifestação.” (MALLORCA, 2017). O *The Guardian*, famoso jornal inglês noticiou em 2018 “Cada vez mais é o turismo, e não os imigrantes, que os barceloneses vêem como uma ameaça à sua cidade, embora os números de ambos tenham disparado nos últimos anos” (BURGEN, 2018), relacionando a diferença entre xenofobia e turismofobia, quando os

moradores preferem os imigrantes aos turistas, visto que a questão dos imigrantes historicamente é um problema nesta região. Também, “Primeiro Veneza e Barcelona: agora marchas anti-turismo são espalhadas pela Europa” (COLDWELL, 2017). A CNN (*Cable News Network*) da Espanha deu atenção a uma das consequências do excesso de turistas: “Madrid vai parar o *Airbnb* para restringir o turismo de massa que expulsa moradores de seus bairros” (STREET, 2018). O turismo de massa aparece novamente como causa dos problemas das cidades europeias, como mostra a BBC (*British Broadcasting Corporation*), “Turismofobia: Barcelona e outras cidades na guerra contra o turismo de massa” (CAMPOAMOR, 2017) e “Excesso de atração: como Amsterdã, Barcelona e outros destinos ‘cheios de gente’ estão controlando o turismo massivo” (REDACCIÓN, 2018). No Brasil, o jornal a Folha de S. Paulo divulgou “Destino da moda, Portugal vive alta de preços e começa a nutrir turismofobia” (MIRANDA, 2018).

Deste modo, verifica-se a atualidade da temática e como é de grande relevância os problemas da turismofobia, visto que o turismo de massa tem desencadeado uma forma de turismo que suscita a rejeição dos visitantes. Assim, para enriquecer o debate é preciso falar sobre o Índice de Irritabilidade de Doxey (1975) “um dos primeiros e mais influentes modelos teóricos que tentaram explicar a relação entre desenvolvimento turístico e impacto social no destino turístico”, que traz “quatro fases que marcam a evolução do destino e que correspondem a diferentes atitudes da comunidade anfitriã para com o turismo, conforme o nível da demanda turística.” (DOMINGUEZ, 2017: 27).

O conceito de ciclo de vida de produto genérico (abreviatura PLC) prevê uma fase de declínio após a maturidade de um determinado mercado e/ ou setor. A fase de declínio é caracterizada pela competição intensificada e baixas margens de lucro dentro de um setor de produto. Desde então, Butler (1975) adaptou o conceito PLC para áreas turísticas (abrev. TALC), que tem sido frequentemente aplicado para explicar a evolução e implicações do turismo nos destinos e tem servido como diretriz de gestão para as diferentes fases:

1. Exploração: pequeno número de visitantes em busca de aventura, informações e infraestrutura limitadas. Nesta fase, alguns moradores podem se sentir desconfortáveis com os turistas;
2. Envolvimento: A comunidade local descobre o seu potencial e participa no desenvolvimento do turismo através do desenvolvimento de infraestruturas básicas (por exemplo, pequenas instalações de alojamento e restauração);
3. Desenvolvimento: Autoridades locais e investidores notam o desenvolvimento do número de visitantes e iniciam projetos de infraestrutura em escala maior e mais sofisticados. Nesta fase, alguns moradores podem sentir-se excluídos dos desenvolvimentos, enquanto outros podem sentir-se alienados ao envolvimento de entidades externas em sua localidade;
4. Consolidação: Nesta fase, grandes jogadores (ou seja, conglomerados de férias) entram na competição e unidades maiores substituem as pequenas instalações. Este é o começo do turismo de massa. Os moradores locais

sentem sobrecarregado com o crescente número de turistas e o impacto dos desenvolvimentos nas suas vidas diárias;

5. Estagnação: Aqui o destino perdeu seu *status* de novidade, os números dos turistas estão estabilizados e a área atingiu sua capacidade de carga. Os locais são negativamente predispostos e antagônico para os turistas;

6. Declínio / Rejuvenescimento: As externalidades ambientais e socioculturais do turismo e o desenvolvimento começam a mostrar a degradação dos recursos e da infraestrutura do destino, levando os visitantes embora. A irritação dos moradores se torna ainda mais evidente. (PAPATHANASSIS, 2017: 288)

Por meio do Índice de Irritabilidade de Doxey (1975) é possível associar como ocorre o processo de construção do turismo de massa, que futuramente poderá culminar no anti-turismo, por questões como a perda de comércios locais para grandes empresas e superlotação, que serão mais desenvolvidos posteriormente.

Assim, entramos na questão dos problemas que os moradores enfrentam e que causam a turismofobia. Kadt (1979: 50) *apud* Barretto, 2004: 135,

os encontros entre turistas e população local podem ser categorizados, para fins de análise, em três situações: quando os turistas compram bens ou serviços, quando turistas e residentes compartilham espaços ou quando os turistas se dirigem expressamente aos residentes à procura de informações.

Como já mencionado, esses encontros, em princípio, não apresentam problemas e são interessantes para ambos os lados. No entanto, o turismo movimenta quantias expressivas,

A UNWTO (2017) (abrev. Organização Mundial do Turismo) informa que o turismo, corresponde a 9% do PIB mundial, reflete 1 em cada 11 empregos e chega a 1,3 trilhão de dólares em exportações. O WTTC (2017) (abrev. *World Travel and Tourism*) relata que o turismo superou a economia global com um crescimento do PIB de 3,3% e contribuiu com 1,96 trilhões de dólares economias. (PAPATHANASSIS, 2017: 290)

Esses dados representam uma situação que, com o passar do tempo, ocorre movida a questões financeiras pelos visitantes e da mesma forma, gera um turismo por parte dos visitantes, em que os moradores se tornam parte da mercadoria a ser consumida, seja na prestação de serviços ou como atrativo. Gerando uma relação antropológica complexa e tênue.

Os turistas passam a ser um mal necessário. Mal porque sua presença incomoda. Necessário porque seu dinheiro faz falta. Os turistas, por sua vez, veem no habitante local apenas um instrumento para seus fins. O grande paradoxo do turismo é que essa atividade coloca em contato pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadoras de uma função precisa e determinada: uns trazem dinheiro com o qual compram os serviços do outro. O primeiro é consumidor, o outro, parte da mercadoria, e é essa a relação que prevalece. Turistas e população local têm diversos graus de empatia, dentro de um leque que vai da simpatia à hostilidade, passando pela cordialidade profissionalmente trabalhada. (BARRETTO, 2004: 147)

Seguindo essa lógica, como observado por Krippendorf (2009) o que era para ser um encontro, transforma-se numa espécie de síndrome do zoológico, onde o autóctone torna-se uma apresentação de um *show* e tema de fotografias e filmagens.

Os turistas esperam encontrar "o primitivo", o "bom selvagem" não "contaminado" pela civilização urbana. Paradoxalmente, os visitados, quanto mais pobres, mais depositam no turismo suas expectativas de progresso, de integração ao processo civilizatório, à economia de mercado: [...] visto do interior [das comunidades] o turismo representa modernidade e mudança; mas, do exterior, o objeto turístico é visto como exótico, primitivo e imutável (Lanfant, Allock e Bruner, 1995: IX *apud* Barretto, 2004: 140)

Dentro da complexidade desta relação temos que, a etapa de euforia, que geralmente ocorre no início do processo turístico, pode nem acontecer, outra questão é que a antipatia ocorre porque o turismo ressalta as diferenças sociais, principalmente quando turistas e moradores precisam competir pelos mesmos recursos - que podem já ser escassos, além de espaço (BARRETTO, 2004).

Turismo de Massa

Para ocorrência de uma discussão rica sobre a turismofobia, é necessário apontar as causas e elementos que geram a problemática, e nesse aspecto o turismo de massa aparece como uma das razões estruturais que incita a prática de um turismo superficial, efêmero e fechado, muitas vezes restringido a locais que constam em pacotes de viagens.

O advento do turismo de massa deu-se logo após as grandes transformações da Revolução Industrial, dando origem a uma classe média e também ao aumento do tempo livre, ocasionando as grandes viagens turísticas da elite.

Utilizado para descrever o fenômeno do século XX, "o turismo de massa" é como sugere Dupret, um termo pejorativo, que tenta diferenciar entre o que se entende como viajantes de "alta qualidade" e aqueles que simplesmente desejam ver o mundo. Como aponta Rachid Amiroum (AMIROU, «*Éléments pour una sociologie qualitative du voyage et du tourisme*» en J. SAGNES (ed.), op. cit., p. 108), a frase "turismo de massa" se usa muitas vezes para desqualificar não ao turismo em si, mas sim a sua democratização. (GORDON, 2002: 143)

A questão é, o termo não é visto como algo positivo, sendo utilizado para diferenciar uma forma de turismo, que na atualidade representa grande parcela do segmento, sendo que o que se difere deste, é considerado um turismo alternativo e mesmo assim "Dizer que formas alternativas de turismo (alternativas ao turismo de massas e ao modelo do *resort*) promovem o 'intercâmbio' é pressupor que o turismo acontece entre iguais, coisa que, na atualidade, vários antropólogos contestam." (BARRETTO, 2004: 145), mas isto trata-se de outra discussão, que não é foco deste trabalho. Assim, viajante representa o contrário a turista, que seria o nome dado a quem pratica o turismo de massa, "De acordo com Daniel

Boorstin, [...], o viajante que persegue experiências tem que trabalhar, enquanto o turismo vai em busca do prazer e espera que as experiências lhe ocorram.” (GORDON, 2002: 145)

Desde as origens do turismo de massas, na década de 1950, logo depois da Segunda Guerra Mundial, as expectativas em torno do turismo, do ponto de vista cultural, têm estado centradas na sua potencialidade para promover o intercâmbio cultural entre visitantes e visitados, o conhecimento do outro, a consciência da alteridade e, como consequência, a paz mundial. (BARRETTO, 2004: 134)

Contudo, analisando a fundo a realidade, é notório que um princípio que surgiu a cerca de quase setenta anos, se perdeu e na atualidade destoa das origens. Aqui é importante salientar que o turismo de massa não surgiu como um movimento ou algo do tipo, mas como algo espontâneo, a partir da possibilidade de grande quantidade de pessoas viajarem, já que as férias foram uma ferramenta que permitiu a possibilidade de viajar, além dos preços tornarem-se mais acessíveis e existir a viabilidade de dividir os custos das viagens. Todavia, há autores como Crick (1992: 361) *apud* Barretto (2004: 134) que defendem que "a ideia de que este fenômeno favorece a paz e a amizade entre os povos [é] um mito contemporâneo".

“Como termo, ‘turismo de massa’ se popularizou entre os anos 1950 e 1970 quando os turistas internacionais dobraram de número a cada sete anos” (GORDON, 2002: 125), o que nos faz chegar numa questão importante do termo: a quantidade de pessoas. O número dar-se como um problema, pois o turismo de massa é o movimentar de um número exorbitante de pessoas, que ocupam ruas, apartamentos, comércios e lojas, ou seja, espaços públicos e privados no geral. A movimentação de um grande número de indivíduos, nos contextos mais atuais, deram-se com grande influência pelas agências e operadoras de viagens, que popularizaram os pacotes de viagem a preços mais baixos, com possibilidade de dividir os custos em parcelas, dando a segurança e comodidade de ter alguém organizando sua viagem, sem que haja necessidade dos clientes pensarem onde deverão ir, que horário sair, quanto custará, se haverá vagas em hotéis e eventos, contando com pessoas que guiarão os passeios, dentre outros, ou seja, como se as agências fossem uma espécie de mãe para os turistas, que não precisam se preocupar com os detalhes.

Assim,

Se a relação entre visitantes e visitados era distante durante o *grand tour*, com a padronização das viagens organizadas ficou ainda maior, uma vez que o grupo guiado somente visitava aqueles lugares que a empresa pré determinava, durante um curto período de tempo, no qual obtinha apenas informações superficiais (Turner e Ash, 1991: 85 *apud* Barretto, 2004: 139)

Por isso, a crítica que se faz ao turismo de massa é a de uma espécie de alienação, onde os turistas visitam os lugares, seguindo como se fossem uma massa, que apenas observa rapidamente um lugar, estrutura ou evento e logo está pronto para outra paisagem, sem sair da linha pré determinada de seu roteiro.

Enquanto a política exaltava as virtudes “desenvolvimentistas” do turismo, uma parte importante da academia tratava de indagar, de um ponto de vista crítico, as premissas e os impactos do desenvolvimento turístico em grande escala. Como ressalta o historiador Bertram M. Gordon (2002), o conceito de “turismo de massa” é de natureza problemática. O termo “massa” pode ter, efetivamente, diversas acepções, mas, sobretudo com relação ao fenômeno turístico, foi se impondo como qualificativo pejorativo, provavelmente pela ênfase que certo discurso acadêmico deu ao caráter alienante da indústria turística e à ideia do consumo induzido. (DOMINGUEZ, 2017: 27)

É imperativo ressaltar que há autores que defendem que o problema não se trata da quantidade de pessoas que visitam os lugares, mas da qualidade dos que viajam, “o discurso de ‘turismo de massa’ se refere menos a questão do número de turistas do que a qualidade do impacto sobre o entorno local.” (GORDON, 2002: 142), ou seja, a falta de interesse em vivenciar a cultura que se visita e em ter contato com os moradores locais, transforma a viagem numa espetacularização que afasta moradores locais de turistas. Nessa conjuntura, dar-se á entender que “A tendência parece ser que os relacionamentos entre visitantes e visitados sejam cada vez mais profissionais, à medida que os serviços turísticos e os próprios turistas se profissionalizam.” (BARRETTO, 2004: 147).

Resiliência - Explicando o Conceito

Adaptar, superar, resistir, recuperar, dentre tantas outras características, representam o que pode se constituir como resiliência. O termo, utilizado para diversos âmbitos, situações e contextos, em sua forma geral, pode ser definido como “[...] à capacidade de um indivíduo, sociedade, ambiente, organização de recuperação às adversidades inesperadas, adaptando-se aos diferentes contextos vivenciados” (RAASCH, 2017: 40). Sua importância dar-se, visto que sem ela, seres humanos, os demais seres vivos e a natureza, não sobreviveriam frente aos percalços que cotidianamente sofrem. A partir da explanação de que o vocábulo pode ser utilizado de distintas formas, nota-se a sua complexidade e por isso da sua importância em esclarecer, este que já apresentava estudos datados desde o século XIX (SONAGLIO, 2017).

Inicialmente, a expressão remetia à física, nas questões de resistência de diversos materiais. Em seguida, o termo resiliência foi assim intitulado “para designar a capacidade que um indivíduo que é afetado por estresse (ou então pela adversidade) possui em superá-lo e sair fortalecido” (SONAGLIO, 2017: 89), quando em 1974, Elwyn James Anthony investigava sobre crianças o qual os pais eram esquizofrênicos e sua fragilidade a partir dessa situação. Por isso, no contexto das ciências humanas “Resiliência pode ser descrita como a capacidade de adaptação e de superação do indivíduo, sociedades ou organizações, diante de situações adversas, utilizando de estratégias e experiências vividas

para superá-las e fortalecê-las em situações futuras” (Junqueira & Deslandes, 2003; Crichton, Ramsay & Kelly, 2009; Boin, Comfort & Demchack, 2010; Duit, 2016, *apud* Raasch, 2017: 41). Contudo, isso foi na perspectiva humana, sendo que pesquisas sobre resiliência também foram desenvolvidas no campo da física, natureza e tantas outras (SONAGLIO, 2017).

Ainda, para Damascena (2016) *et. al.*, *apud* Raasch (2017: 43), o conceito pode ser entendido como “flexibilidade; aquisição de competências para lidar com adversidades; capacidade de auto renovação; adaptação positiva a cenários de adversidade; resistência a mudanças; adaptação aos riscos do ambiente”. Contudo, é imperativo ressaltar que “a resiliência não é um atributo que nasce com o indivíduo, e sim é um conjunto de processos que se desenvolvem com o passar do tempo, de acordo com combinações de atributos favoráveis tanto do indivíduo, quanto do ambiente em que está inserido” (Rutter, 1987 *apud* Raasch, 2017: 42), sendo essa uma das características mais fundamentais da máxima, pois a resiliência se estabelece posteriormente a uma situação, e um ser ou algo resiliente pode ser considerado vitorioso, pois “sobreviveu” a uma determinada situação ou se adaptou para conviver com um certo empecilho e assim tornou-se mais forte para situações futuras, ocorrendo em tempos e formas distintas no que afeta. Na atualidade,

O termo resiliência é utilizado nas literaturas de diversas áreas científicas, como ecologia, psicologia, microbiologia, estudos sobre regeneração celular, cadeia de suprimentos, gestão de recursos humanos, engenharias, negócios e economia, incluindo o mercado de ações e a resiliência corporativa.

Buliga (Scheiner & Voigt, 2016; Pelli & Goulart, 2017) *apud* Raasch, (2017: 41).

Aqui, será desenvolvido a partir da perspectiva social, com base na relação entre visitantes e visitados.

Resiliência dos Moradores

Antes de chegar ao ponto central deste artigo, passemos pelos problemas que na prática afetam os moradores locais devido ao turismo de massa. Esses perpassam por itens de cunho como recursos, espaços, bem estar e de uma visão deturpada que se tem acerca dos moradores. Tratando dos recursos, a água é uma questão que pode afetar os moradores locais, quando, por causa da grande quantidade de pessoas que determinada cidade recebe, esse recurso pode ficar comprometido e faltar aos autóctones. No deslocamento, sendo de carro ou por meio do transporte público, pode gerar superlotação e lentidão no fluxo, também devido a quantidade. O tamanho também causa influência, pois em uma comunidade pequena é mais fácil desenvolver o turismo por, geralmente, existir algo em comum naquela unidade, como comunidade quilombola, comunidade de lojistas ou

comunidade de empresários, porém, quando tratamos de uma cidade grande, existem diferentes comunidades num mesmo espaço e assim diferentes interesses, o que pode gerar questões-problemas no desenrolar do turismo, por não conseguir um consenso quanto ao seu desenvolvimento (BARRETTO, 2004). Quanto a outros recursos de forma geral, acaba por ocorrer um aumento nos preços, devido a grande procura, e nesse aspecto os aluguéis e moradias saem bem comprometidos. A especulação imobiliária faz com que os aluguéis de imóveis tenham preços exorbitantes, e quando não, as cidades são invadidas por aluguéis de *Airbnb*, que com o custo elevado para se viver nos centros das cidades, os moradores passam a morar nas periferias, alugando seus imóveis para o turismo, configurando uma gentrificação turística (MENDES, 2017). Gentrificação:

[...] se refere a um processo de aburguesamento de certos bairros e áreas da cidade com história de desinvestimento de capital e degradação urbanística. [...] Um fenômeno de substituição social classista e de reapropriação pela burguesia – e da própria e respectiva ideologia neoliberal e ordem simbólica subjacentes – dos espaços de habitat populares das áreas antigas centrais. É um processo de mudança urbana, no qual a reabilitação de imóveis residenciais situados em bairros da classe trabalhadora ou de gênese popular/tradicional atrai a fixação de novos moradores relativamente endinheirados, levando ao desalojamento e à expulsão de ex-residentes que não podem mais pagar o aumento dos custos de habitação que acompanham a regeneração urbana que o processo comporta, culminando com um aprofundamento da segregação residencial e divisão social do espaço urbano. (Smith, 1979 *apud* Mendes, 2017)

Sendo a gentrificação uma questão política, que afeta a dinâmica e a geografia funcional de uma cidade, ela pode ser vista como reguladora da ordem capitalista (MENDES, 2017), e não se tratando somente das questões de moradia, bem como de acesso à cidade de modo geral, a gentrificação é geradora de turismo e vice-versa, por isso da utilização do termo gentrificação turística.

Partindo dessa premissa, observamos como o espaço é afetado. Além da moradia, as ruas, mercados, lojas, hospitais, delegacias e espaços públicos e privados em geral, encontram-se abarrotados. Isso culmina para um incômodo no bem estar dos moradores, que passam por frequentes situações de estresse em razão de ruídos produzidos por festas que entretém os turistas; o olhar curioso dos visitantes que veem os autóctones como nativos para o entretenimento; grande produção de lixo e determinados atos distintos da cultura local, que podem afetar negativamente quem recebe, podendo ser considerado desrespeito, a exemplo:

“Museu de Auschwitz é atingido por roubos quando visitantes removem 'lembranças' do campo de extermínio nazista” (Telégrafo)

“Capela na ilha grega de Rodes proíbe casamentos estrangeiros depois que a foto de 'sexo' do casal britânico virou um viral: 'Não podemos permitir que esse comportamento repugnante prevaleça’” (Independente)

“Ding Jihao esteve aqui”: turista chinês, 15 anos, desfigura o templo egípcio de 3.500 anos” (Daily Mail) (PAPATHANASSIS, 2017: 291)

É importante ressaltar, que notícias como essas não refletem 100% dos turistas, inclusive nem a maioria, contudo num contexto de intolerância quanto a quantidade exorbitantes de visitantes e da maneira fugaz como os espaços são tratados, notícias como essas somente intensificam um sentimento de repulsa, visto que além de ocupar os espaços, alguns deles também destroem e desrespeitam esse ambientes.

Outra questão que pode gerar descontentamento da população é o sentimento de invasão que grandes empresas causam quando abrem empreendimentos e constroem infraestruturas relacionados ao turismo ou assumem frente a direcionamentos da cidade, que substituem pequenos comércios locais e desempregam a população, respectivamente.

Por isso, quer queira quer não, a turismofobia pode ser considerada uma forma que os moradores acharam para ser resilientes perante a situação. Essa afirmação cabe amplas discussões e é preciso explicar o que há por trás da declaração.

Como já abordado, ser resiliente é resistir e enfrentar as adversidades da maneira que se entende como correta ou a que se acha pertinente para aquele momento, por isso,

[...] a resiliência é entendida como uma característica (Blandtt, 2009; Lemos, 2014), sobretudo nas atuações relativas ao planejamento e/ou gerenciamento turístico que precisa resistir, enfrentar, se adaptar ou superar determinados impactos das mudanças provenientes de um mundo complexo e desequilibrado. (SONAGLIO, 2017: 83)

Neste caso, se tratando da resiliência no planejamento turístico, mas que pode se encaixar de pessoa em pessoa, assim, morador em morador, afetar o turista de maneira negativa, demonstrando que ele não é bem vindo na cidade em que passeia, que ele incomoda, que não é visto com bons olhos e dessa forma é diminuído pelos locais, foi a forma, sem planejamento e controle, que a população encontrou para resistir ao turismo de massa. Muitas vezes não é o turista em si que causa aflição aos autóctones, mas o que é gerado a partir da existência deles, como aumento de preços, alterações na rotina local e disputa por espaços.

A Resiliência dos Visitantes

Previamente, antes de abordar como os visitantes se dão resilientes a turismofobia, é importante elucidar sobre o conceito de hospitalidade, que nesse caso, ambos os tópicos podem ser vistos quase como antônimos. Para Gotman (2001: 493) *apud* Bezerra (2007: 337) “A hospitalidade é um processo de agregação do outro à comunidade e a inhospitalidade é o processo inverso.”. Assim, a origem da palavra já diz muito sobre seu significado. “Hospitalidade é uma palavra originária do Latim *hospitalitate* e significa o ato de

hospedar; a qualidade de quem é hospitaleiro; a liberalidade que se pratica, alojando gratuitamente alguém; e por extensão acolhimento afetuoso.” (DALPIAZ, 2018: 2).

Antigamente, a hospitalidade designava hospedagem gratuita que era oferecida aos viajantes; hoje, em razão de novos acontecimentos, como o capitalismo, a industrialização, o desenvolvimento técnico-científico, a definição de hospitalidade sofreu alterações: o que antes era uma forma espontânea e gratuita de acolhimento vem-se tornando um meio de ganhar divisas, mas que vai além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos. (CAMPOS, 2008: 3)

Dalpia (2018: 2) exemplifica a complexidade da hospitalidade,

A hospitalidade no Turismo evidencia-se muito mais ampla do que primeiramente se imaginava, ela deverá estar presente em todas as atividades relacionadas com o turismo, desde a facilitação (ingresso, permanência, deslocamentos internos e saída dos visitantes), o desenvolvimento da infraestrutura (rodovias, portos, aeroportos, obras viárias, saneamento, energia, equipamentos sociais), os transportes e comunicações (terrestres, aéreos, marítimos, fluvial e telecomunicações), a educação e capacitação (formação de recursos humanos para o setor em níveis distintos) e prestação de serviços (alojamentos hoteleiros, transportadores, restaurantes e similares, diversão e entretenimento, agências de viagens e locadoras)

Desse modo, independente do setor do turismo, a hospitalidade está impregnada e sendo que muitos dos cargos de serviços aos turistas, são exercidos por moradores locais, quando da ausência de hospitalidade, seja pela rejeição ou antipatia com o turista, isso será facilmente percebida. Para além disso, nas ruas e ambientes de circulação em geral, a não receptividade será verificada, se isso for um desejo dos locais. Protestos e manifestações contra a chegada de turistas, foram verificadas em aeroportos e principalmente cruzeiros, em que a intenção de alguns moradores era deixar claro aos que chegavam, que eles não eram bem vindos. Por meio de cartazes, faixas e manifestos organizados, logo no desembarque, alguns turistas eram assim recebidos e há registros até de agressões na região europeia da Itália, no ano de 2017.

Pode-se dizer que os turistas ao chegarem em uma cidade podem ter um acolhimento preparado, improvisado ou simplesmente não ter. Conclui-se, então que o “bem receber” está ligado diretamente com a preparação do destino turístico para o recebimento do turista e a preparação de um destino turístico envolve todo o Sistema de Turismo. (DALPIAZ, 2018: 2)

“Os atos de hospedar e de ser hospitaleiro são muito mais complexos que simplesmente o de receber o visitante: consiste na união, ou melhor, na aproximação de culturas, costumes e pessoas diferentes. Trata-se de uma relação de troca de valores entre o visitado e o visitante.” (CAMPOS, 2008: 3), conseqüentemente, no contexto da turismofobia não se verifica a hospitalidade, pois visitantes e visitados estão em constante relação de atrito. Logo, a resiliência também é uma forma de enfrentar a situação que está posta. Ela pode ser verificada quando o número de turistas em determinados locais, em que situações extremas ocorreram, diminuem, nem que seja por um período de tempo. Ademais,

quando os turistas buscam não ser mais identificados como turistas, seja na mudança de vestimentas, na inibição quanto a perguntas e informações, ou em trejeitos de forma geral. Todavia, essas são questões práticas, o sentimento de rejeição, independente de sofrer algum ataque ou abordagem, ainda existe, e desse ponto de vista, o mal estar está estabelecido.

Todo esse distanciamento, reafirma um turismo econômico, movido por grandes corporações, em que a austeridade e a empatia não acontecem, pelo contrário, o fenômeno turístico - que em sua essência é um fenômeno do encontro, da troca, da diversidade e do estranhamento (MOESCH e GASTAL, 2007), que não é literal, mas um estranhamento que instigue e estimule o conhecer do novo, da nova cultura, das pessoas e seus hábitos - vem se esvaindo diante de um sistema que estimula o consumo, onde o ter sobressai ao ser. “Isto porque o cenário capitalista, além de gerar dificuldades que visem a um desenvolvimento genuinamente sustentável, produz problemas sociais, culturais e ambientais típicos de modelos de desenvolvimento insustentáveis.” (SONAGLIO, 2017: 81), e por meio desses problemas que são ocasionados, é necessário resiliência, para sobreviver às intempéries do mundo.

Este trabalho, não teve a intenção de estabelecer um lado em detrimento de outro, mas sim apresentar as diferentes direções que se estabelecem na relação de visitante e visitado, frente a turismofobia. Todavia, uma questão valorosa a ser exposta é que, os moradores sentem aversão aos turistas, estes também rejeitam os moradores, devido ao tratamento que recebem, porém, se esquece que no meio dessa situação existe, ou era para existir, um mediador, que seria o poder público, com a função de desenvolver um planejamento participativo e com capacidade de carga.

Considerações Finais

Esse trabalho, inicialmente, propõe-se a discorrer sobre os conceitos de turismofobia e resiliência, dando cerne as perspectivas dos moradores locais e turistas, na intenção de compreender como estes se davam resistentes perante essa situação. A lente do turismo estabeleceu-se juntamente a da resiliência para compreender uma faceta da complexidade do fenômeno turístico, que neste caso, uma das questões apontadas pelos autores é que uma das principais causas do problema é o turismo de massa.

Tendo isso por base, buscou-se diferenciar, primeiramente, as sentenças, pois mesmo que o termo turismofobia nasça a partir de xenofobia, elas não possuem o mesmo significado. Assim, xenofobia significa aversão ao estrangeiro, o que é incomum e que não pertence a sua cultura, enquanto turismofobia, como já mencionado, advém de xenofobia,

todavia, incluso que a antipatia se dá pela motivação que levou o indivíduo aquele lugar, ou seja, o fato de ser uma pessoa de cultura distinta que está a passeio. Em princípio, parece não fazer sentido tamanho incômodo por parte dos moradores e por isso o artigo desenvolve o que para os autores é uma das principais causas do problema, o turismo de massa. Este se configura como um turismo que move uma grande quantidade de pessoas, mas que para além disso, são indivíduos que praticam um turismo efêmero, superficial e instantâneo, muitas vezes regidos por empresas de turismo, como agências e operadoras, o qual os turistas apenas seguem os roteiros pré determinados. Ainda foi abordado o conceito que rege este artigo, caracterizando a resiliência como a habilidade as pessoas têm de resistir, adaptar e se recuperarem frente às adversidades.

Assim, tendo por base os conceitos a serem relacionados e a principal causa do problema, desenvolveu-se como se dão a resiliência dos moradores locais e dos turistas. Os primeiros, precisam resistir a uma série de questões que são geradas por causa do turismo de massa, como o colapso na prestação de serviços essenciais (redes de transporte público, atendimentos em hospitais e delegacias de polícia), o reajuste dos preços, que apesar de beneficiar o comércio local, acaba afetando negativamente a vida dos moradores e principalmente a questão das moradias, que são multi e significativamente afetadas; transtornos a população nativa são causados pela falta de educação dos turistas, sobretudo quando estão em grandes grupos, seja pelo barulho ou quando perturbam a rotina local e ignoram aspectos importantes da cultura. Por sua vez, quando tratado sobre como os turistas enfrentam as questões de falta de hospitalidade, por meio de protestos, imagens, gritos e manifestações anti turismo, na prática, verificamos a inibição da imagem do sujeito turista e de detalhes como tirar dúvidas e sua própria imagem física, além da redução, por um pequeno período de tempo, da quantidade de visitantes em locais de grande embate.

Por isso, objetivando o estudo da turismofobia, pode-se compreender como a resiliência está inserida no fenômeno turístico, se tratando da perspectiva humana dos moradores e dos turistas. Obviamente, como é passível de toda pesquisa, esta, carece de um maior aprofundamento, que poderá ser desenvolvido por meio da inserção de pesquisas quantitativas, para obter uma análise mais completa acerca do tema, contendo dados de como a turismofobia atingiu o turismo quantitativamente e analisar números de agências para obter uma noção mais ampla de quanto essas empresas movimentam em relação fluxo de turistas, além disso, analisar as políticas públicas de locais com grande incidência de casos de turismofobia, para verificar que medidas estão sendo tomadas para desconstrução do problema. Logo, as contribuições deste trabalho estão no campo do saber turístico, da resiliência e do problema turismofobia, que tanto tem afetado o fenômeno social.

Referências Bibliográficas

- Antunes, P. (2017, 19 de agosto). Terrorismo atinge a Espanha em meio a aumento de 'turismofobia'. Folha de São Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911281-terrorismo-atinge-a-espanha-em-meio-a-aumento-de-turismofobia.shtml>.
- Barreto, M. (2004). Relações entre Visitantes e Visitados: um Retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Turismo em Análise*, v. 15, n. 2, p. 133-149.
- Bezerra, S. Z. R. S. (2007). Apontamentos sobre hospitalidade, turismo e modernidade. *Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, v. 12, n. 2, p. 335-345.
- Barbería, J. L. (2017, 09 de agosto). Turismofobia, a reação das cidades de aluguel. *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/08/internacional/1502213658_607233.html.
- Burbuen, S. (2018, 25 de julho). “*Tourists go home, refugees welcome: why Barcelona chose migrants over visitors*”. *The Guardian*. Recuperado de <https://www.theguardian.com/cities/2018/jun/25/tourists-go-home-refugees-welcome-why-barcelona-chose-migrants-over-visitors>.
- Campoamor, J. (2017, 01 de junho). “*Turismofobia: Barcelona y otras ciudades en pie de guerra contra el turismo de masas*”. *BBC News Mundo*. Recuperado de <https://www.bbc.com/mundo/noticias-40107507>.
- Campos, R. S. (2008). Os cinco sentidos da hospitalidade. *Observatório de Inovação do Turismo*, v. 3, n.º 1, p. 1-17. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5694/4408>.
- Caparrós, M. (2017, 14 de agosto). *La posverdad de la turismofobia*. *The New York Times*. Recuperado de <https://www.nytimes.com/es/2017/08/14/la-posverdad-de-la-turismofobia/>.
- Colwell, W. (2017, 10 de agosto). *First Venice and Barcelona: now anti-tourism marches spread across Europe*. *The Guardian*. Recuperado de <https://www.theguardian.com/travel/2017/aug/10/anti-tourism-marches-spread-across-europe-venice-barcelona>.
- Dalpiatz, R. C. C., Dagostini, A., Giacomini, D. M., Giustina, M. G. S. D. (2018). A Hospitalidade no Turismo: o bem receber. *Revista Atua Serra*. Recuperado de http://www.serragaucha.com/upload/page_file/hospitalidade-e-bem-receber.pdf.
- Ribeiro, D. (2019). Significado de Xenofobia. In 7graus, Dício, *Dicionário Online de Português*. Recuperado de <https://www.dicio.com.br/xenofobia/>.
- Dominguéz, A. Q. (2018). Turismofobia, ou Turismo como Fetiche. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação, Edição Especial - Ética no Turismo*, p. 22-30. Recuperado em <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/f08be15b/f7eb/4918/9ca6/ec476640e3fe.pdf>.
- Doxey, J. (1975). *Development of Tourism Destinations*. London: Torbay.
- Gastal, S.; Moesch, M. (2007). *Turismo, Políticas Públicas e Cidadania*. São Paulo: Aleph.
- Gordon, B. M. (2002). *El Turismo de Masas: un concepto problemático en la historia del siglo XX. Historia contemporánea*, v. 25, p. 125-156. Recuperado de <https://www.ehu.eus/ojs/index.php/HC/article/viewFile/5928/5608>.

- Krippendorf, J. (2009). *Sociologia do Turismo: Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens*. Brasil: Aleph.
- Lévi-Strauss. Claude (2006). *Raça e História*. Brasil: Editorial Presença.
- Mallorca, P. (2017, 3 de agosto). Turismofobia em Barcelona: grupos radicais agora atacam turistas. *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/02/internacional/1501697974_820761.html.
- Mendes, L. (2017). Gentrificação Turística em Lisboa: Neoliberalismo, Financeirização e Urbanismo Austeritário em Tempos de Pós-crise Capitalista 2008-2009. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 19, n. 39, pp. 479-512. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3906>.
- Miranda, G. (2018, 22 de abril). Destino da moda, Portugal vive alta de preços e começa a nutrir turismofobia. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/04/destino-da-moda-portugal-vive-alta-de-precos-e-comeca-a-nutrir-turismofobia.shtml>.
- Papathanassis, A. (2017). *Over-Tourism and Anti-Tourist Sentiment: An Exploratory Analysis and Discussion*. "Ovidius" University Annals, Economic Sciences Series, v. XVII, p. 288-293. Recuperado de <http://stec.univ-ovidius.ro/html/anale/ENG/2017-2/Section%20III/25.pdf>.
- Raasch, M., Silveira-martins, E., & Gomes, C. C. (2017). Resiliência: Uma Revisão Bibliométrica. *Revista de Negócios*, 22(4), 40-55. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1980-4431.2017v22n4p40-55>.
- Redacción, (2018, 15 de maio). *Exceso de atracción: cómo Ámsterdam, Barcelona y otros destinos 'llenos de gente' están controlando el turismo masivo*. BBC News Mundo. Recuperado de <https://www.bbc.com/mundo/noticias-45207967>.
- Sonaglio, K. E. (2018). Aproximações entre o Turismo e a Resiliência: Um Caminho para a Sustentabilidade. *Turismo: Visão e Ação*, v. 20, n. 1, p. 80-104. DOI: 10.14210/rtva.v20n4.p80-104.
- Street, F. (2018, 15 de maio). *Madrid frenará Airbnb para restringir el turismo masivo que expulsa a vecinos de sus barrios*. *CNN España*. Recuperado de <https://cnnespanol.cnn.com/2018/05/15/madrid-frenara-airbnb-para-restringir-el-turismo-masivo-que-expulsa-a-vecinos-de-sus-barrios/>.